

É preciso administrar a revolução da IA

Martin Wolf

18/06/2026 05h02

É necessário um acordo mundial sobre a forma como a tecnologia é controlada

Em minhas duas colunas anteriores, argumentei que a inteligência artificial (IA) traz tanto oportunidades quanto grandes perigos, alguns até existenciais. Essa tecnologia transformadora também ameaça valores fundamentais, como a responsabilização pessoal e institucional, o Estado de Direito, a democracia e até o que significa ser “humano”. Além disso, será difícil fazer uma regulamentação bem-sucedida, não apenas porque seu impacto será generalizado, mas também porque seus avanços são movidos por uma competição ferrenha entre empresas e entre os Estados Unidos e a China.

De forma notável, uma postagem recente da Anthropic assevera que “estamos delegando uma parte cada vez maior do desenvolvimento da IA aos próprios sistemas de IA [...] [Se isso for] levado longe o suficiente e receber o [poder] de computação suficiente, essa tendência aponta para um sistema de IA capaz de [...] projetar e desenvolver autonomamente seu próprio sucessor”. A publicação, em seguida, declara que “se for possível [...] desacelerar o desenvolvimento dessa tecnologia, para dar-nos mais tempo para lidar com suas imensas implicações, nós achamos que isso provavelmente seria positivo”. Se até a Anthropic, uma líder em IA, tem medo do que nos espreita no futuro, o restante de nós, em especial os mais jovens, precisa ter temores ainda maiores.

Uma grande parte dessa preocupação politicamente relevante está relacionada ao lado negativo do desemprego, decorrente do suposto lado positivo da produtividade. No entanto, a velocidade e a escala da transformação que a IA produzirá são uma incógnita. Meu colega John Burn-Murdoch observou recentemente, por exemplo, que o aumento na oferta de aplicativos gerados por IA não teve um aumento correspondente em seu uso. Isso também gerou um salto maior na produção nas etapas iniciais do desenvolvimento de softwares do que nos produtos finais.

Em linha similar, um retrato geral do impacto da IA no emprego publicado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 2025 concluiu que, no mundo, um em cada quatro trabalhadores está em uma ocupação que tem alguma vulnerabilidade à IA generativa. No entanto, também ressalta que apenas “3,3% do emprego global se enquadra na categoria de maior exposição”. Isso não soa a alguma grande ruptura. Além disso, no passado, houve longas defasagens entre as grandes inovações (eletricidade, por exemplo) e uma maior produtividade. Como escreve Paul Krugman, o crescimento da produtividade foi menor durante a era digital do que após a Segunda Guerra Mundial, um período sem grandes inovações como essa.

No extremo oposto do debate, Vinod Khosla, um experiente investidor em tecnologia, assevera no Financial Times ter “certeza de que a IA fará 80% do trabalho economicamente valioso que os humanos fazem hoje, em 80% de todos os empregos, mais rápido do que a maioria acredita”. “A questão não é se o subemprego em massa chegará nos próximos dez anos, mas se teremos uma estrutura política coerente pronta quando isso acontecer”.

O ceticismo quanto à velocidade e escala do impacto da IA é justificado. Por outro lado, Khosla está certo: precisamos nos preparar. A civilização poderia não sobreviver aos

choques existenciais e às rupturas econômicas que a IA ameaça provocar. Tal incerteza justifica estar preparado, não complacente.

Então, o que “estar preparado” significa?

Primeiro, precisamos estar preparados para um mundo em que as máquinas tomarão decisões importantes e, em alguns casos - mais notavelmente nos de guerra e pesquisa biológica -, decisões que serão altamente consequentes. Em última instância, os humanos precisam ser responsabilizados por essas decisões, como os programadores de IA, os gestores das empresas que a vendem e os tomadores de decisão nas instituições que a usam. Ao contrário do ponto de vista do presidente da Argentina, Javier Milei, a IA não deve gerenciar instituições sem que pessoas sejam responsabilizadas por isso. Proprietários, gestores e funcionários devem estar sujeitos a penalidades criminais e civis por danos causados pela IA.

Segundo, não podemos confiar no senso moral e na autocontenção dos criadores da IA. Já tivemos uma experiência terrível com as plataformas de relacionamento social online. Como já observei: “Disseminar mentiras e fraudes pode ser um bom negócio. Pior, disseminar postagens que tornam a vida das pessoas insuportável pode ser um bom negócio [...] Parece provável que a inteligência artificial agrave nossas agruras coletivas ao criar fraudes ‘perfeitas’ de todos os tipos”. A Anthropic pode querer desacelerar o ritmo, mas ela está em uma corrida: não é capaz de controlar o que seus concorrentes fazem. Não permitimos que laboratórios farmacêuticos lancem medicamentos que não passaram por um processo adequado de testes, por motivos muito fortes. Algo semelhante deveria se aplicar a novos softwares de IA. Além disso, diante de uma competição como essa, tais processos também precisam ser aplicados mundialmente.

Terceiro, é por isso que os processos não podem ser apenas nacionais. É preciso ter um acordo mundial sobre como a IA deve ser testada e controlada e como a responsabilização por danos deve ser imposta. A União Europeia, ao que parece, mais uma vez desempenha o papel de reguladora de primeira (ou última) instância. Talvez isso não seja algo tão ruim. Muita gente ao redor mundo até confia mais na UE para ser uma reguladora melhor do que os EUA ou a China, provavelmente por acreditar que ela será menos dominada por interesses comerciais ou pelo desejo de usar a IA como arma. No entanto, o ideal é que China e EUA sejam as pedras angulares de qualquer acordo. A IA é um risco grande demais para que todos a queiram desenvolver sem controle.

Por último, e de forma particularmente importante, há boas chances de que a IA, com o tempo, devaste o mercado de trabalho, aumente a desigualdade e crie uma concentração extraordinária de poder econômico - e, portanto, político - nas mãos de um número bem pequeno de empresas e pessoas. Se somarmos isso às diversas outras ameaças que a tecnologia representa, nos deparamos com um enorme risco de uma derrubada autocrática da democracia. De fato, isso já está acontecendo. Aqueles que desejam ver a sobrevivência do governo do povo, para o povo, pelo povo precisam tentar impedir isso. A implicação mais evidente é que uma boa parte do aumento da renda e da riqueza precisa ser compartilhada. O momento de se preparar para isso é agora. Se não agirmos, será tarde demais. **(Tradução de Sabino Ahumada)**

Martin Wolf é editor e principal comentarista econômico do Financial Times.